

Banco de Boston prevê antecipação da posse

**Nilton Horita e
Apoenán Rodrigues**

SÃO PAULO — A principal responsabilidade do próximo presidente da República será fazer com que o país se torne mais civilizado para a maioria dos cidadãos brasileiros. Esta, em resumo, é a avaliação feita pela *Newsletter Brazil*, uma publicação mensal de análise de conjuntura produzida pelo Banco de Boston, instituição financeira americana que está há mais de 50 anos no país e realizou ao longo de 1989 grandes investimentos para aumentar sua presença no mercado brasileiro.

Na análise sobre o pleito presidencial, existe a previsão de que se houver uma deterioração da economia durante os 76 dias entre a proclamação do vitorioso nas eleições — período crucial para o país, conforme admitem até mesmo os membros da equipe econômica atual —, poderá haver uma antecipação da posse do novo presidente.

“Mas, certamente essa posse não ocorrerá antes de 15 de janeiro”, estima o trabalho da instituição, que é distribuído para clientes e parceiros econômicos com interesses no Brasil. A crença generalizada, segundo a publicação, é a de que o novo governo assumirá mesmo em 15 de março, mas existe uma comparação natural com o processo argentino, que teve a posse do sucessor de Raúl Alfonsín antecipada.

O Banco de Boston organizou um eficiente trabalho de identificação das heranças do novo presidente em relação ao Brasil de 1960, quando o país votou pela última vez para escolher o seu presidente, elegendo Jânio Quadros. A performance do vencedor, por esta razão, deverá ser expressão da legitimidade popular alcançada nas urnas. Os problemas sociais criados ao longo de três décadas entre Jânio Quadros (1960) e Collor ou Lula (1989) são gritantes.

Três décadas produziram muitas mudanças no Brasil. Nestas eleições, por exemplo, votam 66 milhões de brasileiros que nunca haviam feito isso na vida. O produto interno do Brasil em 1960 era de US\$ 20 bilhões, mas no ano passado chegou a US\$ 352 bilhões.

“Os indicadores do desenvolvimento são claros”, afirma o estudo do Banco de Boston. “O Brasil se tornou uma nação industrializada”. Em 1988, a indústria contribuiu com 38% do total da atividade econômica brasileira, em contraste com 33% no ano anterior. Além disso, a auto-suficiência energética está próxima de se tornar realidade (o Brasil, hoje, produz 87% da energia consumida contra os 58% de 1960).

Mas os problemas também deram um grande salto nesse período. “Atualmente a inflação é o maior problema brasileiro”, afirma o Banco de Boston. Em 1960 a taxa era de 30% ao ano, insignificante se comparada com os 934% de 1988. No período, de acordo com o trabalho, o governo assimilou fatias consideráveis da economia nacional. O déficit público, em 1960, era de apenas 3% do PIB, o que demonstra este fato. “Os indicadores sociais também mudaram bastante”, na constatação da instituição. Por exemplo, a demanda social da população brasileira aumentou de 70 milhões de habitantes na época de Jânio Quadros para algo em torno dos 147,5 milhões hoje.

O Banco de Boston cita um dado fundamental para se compreender a qualidade de vida urbana das grandes cidades brasileiras. Em 1960 a cidade de São Paulo possuía 3,8 milhões de habitantes. Hoje são 1 milhão de favelados entre 11 milhões residentes. Acompanhando o processo brasileiro de industrialização, as pessoas deixaram o campo para entrar nas cidades.

No Brasil de Jânio Quadros, 45 entre 100 pessoas moravam em zonas urbanas. No ano passado, esse número subiu para 74 entre 100 brasileiros, moradores em áreas urbanas. Em 1960 a renda per capita do brasileiro era de US\$ 272, comparada com os atuais US\$ 2.440 em 1988. “A maioria dos demais indicadores sociais, como nível de pobreza, qualidade de educação e saúde, por exemplo, estão longe de serem aceitos pelos padrões internacionais.

De acordo com a análise do Banco de Boston, o eleitor brasileiro escolheu muito mais o candidato que representa a volta da moralidade, abominando com isso a famosa *Lei de Gerson* (vantagens individuais acima de tudo).